CLÁUSULAS FINAIS: UMA ANÁLISE VOLTADA ÀS CONSTRUÇÕES DE *PARA* COM O *INFINITIVO* EM OCORRÊNCIAS DO PORTUGUÊS FALADO

FINAL CLAUSES: AN ANALYSIS AROUND THE *PARA* WITH THE INFINITIVAL CONSTRUCTIONS IN SPOKEN PORTUGUESE'S OCCURRENCES.

Valéria Adriana MACEIS¹

RESUMO:

O presente artigo visa à análise das construções finais de *para* com o *infinitivo* em ocorrências do português falado, retiradas de elocuições formais (aulas) e entrevistas. Busca-se, em um primeiro momento, avaliar a abordagem que a tradição gramatical tem dispensado a estas construções, de um modo geral. E, em um segundo momento, tomando-se por base estudos recentes e funcionais acerca destas construções finais, objetiva-se investigar o uso e/ou demais sentidos não prototípicos que as construções finais de *para* com o *infinitivo* tem apresentado na linguagem oral.

Palavras-chave: construções finais; funcionalismo; tradição gramatical.

ABSTRACT:

The present article direct the analysis of final constructions of *para* with the *infinitival* in spoken Portuguese's occurrences, extracted of formal elocutions (classes) and interviews. In the first moment, evaluate the boarding that the grammatical tradition has dispensed these constructions, in general. And, in the second moment, with base in recent and functional studies about these final constructions, we intend to inquire the use and/or others no typical meanings that the final constructions of *para* with the *infinitival* have showed in the oral language.

Keywords: final clauses; *para* with the infinitival constructions; spoken Portuguese.

Considerações iniciais

As análises aqui registradas referem-se a ocorrências que foram ouvidas e logo depois transcritas que dizem respeito a elocuições formais (aulas) e entrevistas com alunos aqui da Universidade Estadual de Maringá.

Baseando-se em estudos recentes e funcionais a respeito das cláusulas finais, buscamos analisar casos de *para* como o *infinitivo* no português falado em que tais construções apresentam características que as retiram do campo da vinculação de cláusulas tipicamente adverbiais. Isto é, como veremos adiante, há determinadas cláusulas consideradas como puramente indicadoras de finalidade pela gramática tradicional, mas que apresentam elementos que as diferem das cláusulas finais prototípicas. Elas parecem relacionar-se a nomes ou adjetivos presentes nas cláusulas anteriores, não se referindo à ação verbal.

¹ Mestranda (bolsista da CAPES) em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). valeryam_1@hotmail.com

Acreditamos que se fazem necessárias mais análises e maiores estudos acerca do assunto para que se amplie a visão, muitas vezes, por demais restrita que a gramática tradicional, ainda muito utilizada nos bancos escolares, vem atestando a respeito do estudo de cláusulas, neste caso, especificamente das construções finais de *para* como o *infinitivo*.

As cláusulas finais segundo a gramática tradicional

Em termos gerais, a tradição gramatical tem abordado as cláusulas finais sempre informando que estas são orações que indicam objetivo, finalidade; além de expor alguns exemplos e, ao tratar das construções de *para* com o *infinitivo*, as gramáticas limitam-se a informar que tais construções referem-se às estruturas das orações finais reduzidas do infinitivo. Vejamos, por exemplo, Rocha Lima (2000):

“De forma desenvolvida, as finais trazem no rosto uma das conjunções *para que*, *a fim de que* e *que* (com o sentido de para que) e verbo no subjuntivo: ‘Simulou doença *para que* o deixassem sair.’; ‘Trabalha muito, *a fim de que* nada falte à família.’; ‘Insisto *que* me digas a verdade.’ Menos usual é a conjunção *porque* (= para que): ‘*Porque* venças esse teu orgulho, é preciso muita humildade.’ Como reduzida, vai para o infinitivo precedido de *para*, *a fim de* e por: ‘Reze com fervor *para / a fim de* alcançar perdão.’”

Luft (1990), em seu Novo Manual de Português, afirma que:

“Essas orações expressam finalidade, destino ou objetivo do que se diz na oração principal e podem ser: 1) Desenvolvidas – introduzidas pelas locuções *para que*, *a fim de que*, *porque* (ant., cláss.) *que*, etc. Exs.: ‘Tudo fiz *para que* ele aprendesse.’; ‘Orai, *porque* não entreis em tentação.’, ‘Estava muito atento, [*que* não o enganassem]’; ‘Agiu com muita cautela, [*que* não o enganassem mais uma vez]’ – Esse *que*, por elipse da prep. *para*. Reduzidas do infinitivo – encabeçadas pelas preposições *para*; *a e por* ou a locução prepositiva *a fim de*: ‘Estuda muito *para* fazer bons exames.’; ‘Fez o que pôde *por* mudar a situação.’; ‘Recolheu-se [a refletir melhor no assunto]. Sem conectivo (justapostas) a subordinação expressa apenas pelo subjuntivo: ‘Tomou todas as precauções, não fosse mais uma vez prejudicado.]; ‘Procure ser claro, não vá alguém interpretar mal.’”

Bechara (2009), ao tratar das orações finais, afirma que, quando uma oração subordinada indica a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal com locuções como: *para que*, *a fim de*, *porque* (= para que) e com a conjunção *que* (= para que), tais orações são classificadas como adverbiais finais. Ele cita como exemplo:

Sáiram *para que* pudessem ver o incêndio.

Reclamou *a fim de que o nomeassem.*
Trabalhou *porque fosse promovido.*
Falta pouco *que isto suceda.*

Além disso, o gramático estende ainda sua explanação sobre, expondo que “abreviadamente, usa-se de *não+ subjuntivo* com valor de para que *não, de modo que não*, quando se quer expressar a cautela, cuidado, restrição.” Citando o exemplo:

“Senhor, que estás nos céus, e vês as almas,
Que cuidam, que propõem, que determinam,
Alumiam minha alma, *não se cegue*
No perigo, em que está.” [AF.2, vv. 770-773 *apud* SS.1, § 485-a]

Talvez devido à sua postura filológica, Bechara (2009) acrescenta uma observação acerca da descrição das orações finais que remete à história destas orações: “Os antigos, e hoje mais raramente, se serviam de por se em que por é o vestígio de uma ideia final: ‘Deixai-o amaldiçoar (Ihes disse), *por se acaso* se compadece Deus, por essa causa, da minha aflição...” [MBe.2, III, 51 *apud* MBA.4, 227]. Declara ainda que a locução: *por se acaso* compadece = *para ver se acaso* compadece.

Vemos que Bechara (2009), ao escrever acerca das cláusulas finais, não tece informações sobre construções de *para* com o *infinitivo*.

Diferentemente do que a maioria das gramáticas tradicionais dita, Said Ali (1964), ainda que de modo breve, em sua Gramática Histórica da Língua Portuguesa, já trazia, ao expor considerações acerca das orações finais, informações a respeito das construções de *para* com o *infinitivo*.

“Prefere-se geralmente empregar a linguagem concisa da oração implícita, combinando *a fim de* ou *para* com o *infinitivo*: ‘Ganhava forças *para aturar* os rigores da Ordem; ‘Dissimularam a sua arrogância *a fim de serem* logo admitidos; ‘Para ser feliz, não basta possuir riquezas.’”

Estudos atuais apontam para outros usos e/ou sentidos para tais construções de *para* com o *infinitivo*, conforme veremos na seção seguinte deste trabalho.

Uma visão mais funcionalista

Para Neves (2000), em sua Gramática de usos do Português, na seção que trata das construções finais, a autora acrescenta uma informação relevante com relação ao nosso trabalho:

“Uma oração de para e infinitivo pode estar ligada a um núcleo nominal e então, ser completiva nominal, caso em que nem mesmo a aceção é de finalidade: - ‘É uma **oportunidade PARA QUE** ela possa libertar-se dos seus problemas e sentimentos negativos.’; ‘Terra em que o gênio de Assis Chateaubriand requintado no seu dom encontra **clima PARA** criar o Museu de Arte Moderna.’; ‘O entrevero com Maria Mimosa lhe dera **tempo para** recuperar a sua famosa calma dos movimentos de ação.’” (grifo nosso)

Dias (2005) investiga as cláusulas de finalidade numa abordagem funcional-discursiva. A pesquisadora divide as construções finais em dois grupos: [+ hipotáticas] e [- hipotáticas] e dedica-se mais ao estudo das construções do primeiro grupo. Dentro deste grupo, das [+ hipotáticas], ela as separa em hipotáticas canônicas – aquelas que ocupam a posição posposta e que especificam e delimitam a informação contida na cláusula núcleo; e hipotáticas discursivas – que podem funcionar como tópico sentencial em relação à informação que a sucedem e podem também estabelecer coesão discursiva entre as informações que as antecedem e as sucedem. Estas últimas, segundo a autora, podem aparecer antepostas ou em posição medial em relação à cláusula núcleo.

Torrent (2009) produziu um amplo e interessante trabalho acerca das construções de *para* como o *infinitivo*. Em sua tese de doutorado, ele analisa estas cláusulas finais como constituintes de uma família de construções. Ele descreve dezessete padrões inter-relacionados de pareamento de forma e função e propõe que eles formem uma rede construcional que venha a abarcar quase todos os domínios construcionais para a combinação de cláusulas: adjunção, complementação, auxiliação e perspectivização discursiva.

Segundo Martelotta (2005), cuja pesquisa serviu de base para nossa análise, a vinculação das cláusulas adverbiais não podem ser explicadas pelo subprincípio icônico da proximidade de Givón (1990 *apud* Martelotta, 2005). Para comprovar sua afirmação, Martelotta (2005) apresenta uma análise de cláusulas finais com vinculação das cláusulas adverbiais, propondo novas alternativas de análise, calcadas na linguística cognitiva.

Tal estudioso vai mostrar que não há uma tendência geral em relação aos níveis de encaixamento que Givón (1990 *apud* Martelotta, 2005) aplica em cláusulas objetivas diretas. Ele aponta para o fato de que há alguns poucos casos de cláusulas modais e finais que indicam auxiliarização, tipo de construção que apresenta grau de encaixamento relativamente avançado.

Ao tratar de cláusulas finais, Martelotta (2005) cita uma proposta de um processo de gramaticalização em que ocorre a passagem de ir (movimento físico) para ir (marca de futuro). Acrescenta ainda que a noção espacial pode ser metaforizada como um movimento em direção a um objetivo, expresso por uma cláusula final. Exemplos: Ele **vai para falar** com o professor. – Ele **vai falar** com o professor. Acredita-se que o uso do verbo ir como indicador de futuro está de algum modo, relacionado à estrutura das cláusulas finais.

Martelotta (2005) volta-se para a origem dos conectivos **para (que)** e **a (que)**. E conferi que, por terem origem latina em **ad**, preposição que indicava movimento, proximidade no espaço e atribuição, tais conectivos confirmam que um movimento físico em direção a um espaço determinado pode ser estendido para noções mais abstratas, finalidade, por exemplo.

Ainda, de acordo com Martelotta (2005), existe uma série de cláusulas finais não-prototípicas que refletem gramaticalização na direção de uma maior integração e que apresentam o verbo no infinitivo, cláusulas estas as quais voltamos nosso interesse neste trabalho.

Calcando-se em determinadas considerações de Gorski (1999 *apud* Martelotta, 2005) e de Salomão (1990 *apud* Martelotta, 2005), Martelotta (2005) apresenta exemplos de cláusulas não-prototípicas. Vejamos alguns deles:

- a) “... como você pode dar escola se você não tem dinheiro **para construir uma escola?**”
- b) “... os professores perdem um pouco o estímulo **para dar aula...**”
- c) “A parte da minha casa em que mais gosto é a sala-de-estar, pois é nela que se tem um cantinho e uma luminária que é ideal **para se ler um livro, assistir um filme, etc.**”
- d) “... ‘ah:: o nome dele é Arruda... André...’ eu falei ‘ih... arruda é **pra tirar olho grande...** (...)”

Estes exemplos evidenciam que, de fato, apesar da estrutura *para + infinitivo*, típica das cláusulas finais com ideia de finalidade, eles não se enquadram no que se pode considerar uma final prototípica: não há, na cláusula anterior, uma ação à qual se possa relacionar a finalidade expressa pela cláusula grifada. Ao contrário, as cláusulas destacadas em a) e b), por exemplo, parecem penetrar no sintagma nominal, podendo ser interpretadas como se referindo aos nomes “dinheiro” e “estímulo”, o que denota assim função de caráter adjetivo, como

acredita Gorski (1999 *apud* Martelotta, 2005) ou então, também podem ser tratadas como **completivas nominais**, como prefere o próprio Martelotta (2005).

No que tange à cláusula destacada no exemplo c), Martelotta também classifica como sendo uma completiva nominal, dessa vez, porém, relacionada a um adjetivo (ideal) e não mais a um substantivo como nos exemplos a) e b).

Em d), a cláusula destacada, originalmente final, encaixa-se à antecedente, assumindo função de predicativo.

Para a análise de Martelotta (2005), esses casos exemplificados parecem ter em comum duas coisas: uma cláusula com *para + infinitivo*, que, como indica um objetivo a ser alcançado, admite uma leitura como tendo valor de finalidade, e um elemento que indica o recurso que possibilita a ação, elementos tipicamente constituídos de cenário de transferência de posse, relacionados à construção habilitativa com verbo dar, conforme prevê Salomão (1990 *apud* Martelotta, 2005).

Análise linguística

Para a análise, faz-se necessário destacar que, quanto à forma, as ocorrências analisadas sempre eram iniciadas pela preposição *para*, a qual também apareceu em sua forma reduzida *pra*. No que tange às respectivas configurações sintáticas das construções em análise, elas foram distribuídas em quadros que as separam, primeiramente, em função das aulas das quais elas foram extraídas; logo após, foram separadas em cláusulas finais não-prototípicas - completivas nominais de substantivo (para Martelotta) / adjetivas (para Gorski) e completivas nominais de adjetivo, conforme visto em Martelotta (2005). Não foi encontrado, em nosso *corpus*, nenhum exemplo de cláusula final não-prototípica com função de predicativo.

Nºs dos exemplos	Ocorrências	Aulas
01	“só .. que alguns .. pesquisadores .. éh:: .. não admitiam isso, .. e aí eles foram .. desenvolve::ndo, .. e pesquisa::ndo teorias, .. pra explicar a origem da vida. (...) ”	Aula de Biologia
02	“.. é legal pra fixar. “	Aula de Biologia
03	“.. também fica fácil pra vocês ir	Aula de Biologia

	anotação,	
04	“.. vou fazer um experimento pra testar, ”	Aula de Biologia
05	“no::ssa .. esses microorganismos são muitos simples pra fazerem reprodução, ”	Aula de Biologia
06	“.. aí eles voltaram a usar a abiogênese .. pra explicar .. o surgimento dos microorganismos. ”	Aula de Biologia
07	“então ali tinha condições .. químicas e físicas .. pra .. se .. formar .. as primeiras moléculas orgânicas. ”	Aula de Biologia
08 / 09	“.. e não tinham uma maquinaria célula::r, .. uma célula desenvolvida, .. pra conseguir seu próprio alimento .. pra fazer um processo de síntese .. ok? ”	Aula de Biologia
10	“.. não havia moléculas orgânicas suficientes, .. para sustentar a multiplicação dos primeiros seres vivos. ”	Aula de Biologia
11	“.. amanhã a gente vai fazer exercício pra ficar claro isso também. ”	Aula de Biologia
12	“.. nós vamos ver .. as teorias que foram criadas ao longo da história, .. para se explicar a evolução da espécie. ”	Aula de Biologia
13	“.. esse pescoço ia ficando maior, .. pra pode comer as folhas da copa da árvore, ”	Aula de Biologia
14	“.. nós produzimos ca::na para gerar o famoso e conhecido .. álcool. ”	Aula de Geografia
15	.. “ué nós não temos dinheiro pra concretar isso aqui,	Aula de Geografia
16	.. vocês te/terão o material aí pra fazer .. esse trabalho, ”	Aula de Psicologia
17	“.. eles pegam só os dados mais significativos né .. pra comentar, ”	Aula de Psicologia
18	“.. então.. tem que/ você mesmo tem que fazer um esforço pra ir melhorando. ”	Aula de Matemática
19	“.. todo mundo tem muito ainda .. pra .. crescer,	Aula de Matemática
20	.. pra aprender,	
21	.. pra melhorar .. na escrita .. né.”	
22	“.. então quer dizer que .. TEMPO vocês tiveram, .. pra-pra-pra estudar pra prova. ”	Aula de Matemática
23	“.. bom .. agora vamos procurar .. a solução .. particular. .. pra procurar a solução particular .. como é mesmo o raciocínio? ”	Aula de Matemática

24	“.. olha .. pra vocês aprender matemática. .. num pode ter .. preguiça.”	Aula de Matemática
25	“.... bom .. aqui nós temos uma classificação bem diDática, .. pra vocês .. vizualizarem bem a difere::nça .. de/de soluções .. ”	Aula de Farmácia
26	“... ta .. ó .. nós temos/ pra .. pra introduzir vocês no estudo de suspensões, .. nós temos que considerar o caso ideal .. que é sempre imiscível.”	Aula de Farmácia
27	“.. a chance de entrar em contato é muito maior .. do que partículas maio::res que zero micrômetro ou zero cinco micrômetro, .. que vão ter uma área superficial aí menor, .. pra entrar em contato com as papilas gustativas ou com os detectores degustativos. ”	Aula de Farmácia
28	“.. eu tenho que deixar .. suspenso .. pra elas se tornarem mais estáveis, ”	Aula de Farmácia
29	“.. além lá do uso exte::rno do interno .. vai ter que colocar agite antes de usar, .. pra u::niformizar .. a formulação em termos de .. das partículas que estão dispersas.”	Aula de Farmácia
30	“.. então com a agitação eu consigo .. homogeneizar a suspensão, .. e eu consigo ta::mbém .. fazer o quê? .. diminuir a viscosidade da suspensão, .. nós vamos ver o que é isso daqui a pouco. .. pra facilitAR .. o es-coamento, .. e .. conseqüentemente retirar a do::se do medicamento. okay?”	Aula de Farmácia
31	“.. nós vamos ter que fazer re/ éh:: recorrer .. ao agente molhante, .. pra então .. chama::r/ facilita::r .. a molhabilidade dessas partículas. ”	Aula de Farmácia
32	“.. vão adicionar glicerina ou vaselina .. pra facilitar a molhabilidade. ”	Aula de Farmácia
33	“.. vocês concordam que essas/ cargas negativas vão começar a atrair cargas pos/positivas pra neutralizar? ”	Aula de Farmácia
34	“.. em alguns casos a gente pode fazer isso, .. mas na maioria das vezes a gente vai aumentar .. a densidade, .. pra diminuir essa diferença .. tá? ”	Aula de Farmácia

35	“.. mas as condições em que aquela família tá podendo viver não tão sendo .. suficientes pra .. garantir uma criança saudável::vel, .. uma criança .. com condições emocionais .. razoáveis e etc né,”	Entrevistas
36	“... é importante ter essa legislação pra regulamentar, ”	Entrevistas
37	“.. então aqui nós fazemos essa caracterização inicial do efluente pra saber como .. ele está. ”	Entrevistas
38 / 39	“.. por isso .. nós realizamos esse tratamento combinado, ... pra atenuar a matéria orgânica / pra depois realizar .. a foto-catálise, ”	Entrevistas
40	“.. então .. porque são 10 minutos apenas né, .. pra você tratar 500 ml de efluente, ”	Entrevistas

Quadro 1: Disposição das ocorrências referentes às aulas das quais estas foram extraídas

Cláusulas finais não-prototípicas	
Completivas nominais de substantivo (para Martelotta); Adjetivas (para Gorski)	Completivas nominais de adjetivo
(1) “só .. que alguns .. pesquisadores .. éh:: .. não admitiam isso, .. e aí eles foram .. desenvolve::ndo, .. e pesquisa::ndo teorias, .. pra explicar a origem da vida. (...) ”	(2) “.. é legal pra fixar. “
(4) “. vou fazer um experimento pra testar, ”	(3) “.. também fica fácil pra vocês ir anota::ndo, ”
(6) “. aí eles voltaram a usar a abiogênese .. pra explicar .. o surgimento dos microorganismos. ”	(5) “no::ssa .. esses microorganismos são muitos simples pra fazerem reprodução, ”
(7) “então ali tinha condições .. químicas e físicas .. pra .. se .. formar .. as primeiras moléculas orgânicas. ”	(10) “.. não havia moléculas orgânicas suficientes, .. para sustentar a multiplicação dos primeiros seres vivos. ”
(8) e (9) “.. e não tinham uma maquina::ria célula::r, .. uma célula desenvolvida, .. pra conseguir seu próprio alimento .. pra fazer um processo de síntese .. ok? ”	(13) “.. esse pescoço ia ficando maior, .. pra pode comer as folhas da copa da árvore, ”
(11) “.. amanhã a gente vai fazer exercício pra ficar claro isso também. ”	(26) “... ta .. ó .. nós temos/ pra .. pra introduzir vocês no estudo de suspensões, .. nós temos que considerar o caso ideal .. que é sempre imiscível.”
(12) “.. nós vamos ver .. as teorias que foram	(27) “.. a chance de entrar em contato

criadas ao longo da história, .. para se explicar a evolução da espécie.”	é muito maior .. do que partículas maiores que zero micrômetro ou zero cinco micrômetro, .. que vão ter uma área superficial aí menor, .. pra entrar em contato com as papilas gustativas ou com os detectores degustativos.”
(14) “.. nós produzimos cálcio para gerar o famoso e conhecido .. álcool.”	(28) “.. eu tenho que deixar .. suspenso .. pra elas se tornarem mais estáveis,”
(15) “.. ué nós não temos dinheiro pra concretar isso aqui” ,	(35) “.. mas as condições em que aquela família tá podendo viver não tão sendo .. suficientes pra .. garantir uma criança saudável, .. uma criança .. com condições emocionais .. razoáveis e etc né,”
(16) “.. vocês te/terão o material aí pra fazer .. esse trabalho,”	(36) “... é importante ter essa legislação pra regulamentar,”
(17) “.. eles pegam só os dados mais significativos né .. pra comentar,”	
(18) “.. então.. tem que/ você mesmo tem que fazer um esforço pra ir melhorando.”	
(22) “.. então quer dizer que .. TEMPO vocês tiveram, .. pra-pra-pra estudar pra prova.”	
(23) “.. bom .. agora vamos procurar .. a solução .. particular. .. pra procurar a solução particular .. como é mesmo o raciocínio?”	
(24) “.. olha .. pra vocês aprender matemática. .. num pode ter .. preguiça,”	
(25) “.... bom .. aqui nós temos uma classificação bem didática, .. pra vocês .. visualizarem bem a diferença .. de/de soluções ..”	
(29) “.. além lá do uso externo do interno .. vai ter que colocar agite antes de usar, .. pra uniformizar .. a formulação em termos de .. das partículas que estão dispersas.”	
(30) “.. então com a agitação eu consigo .. homogeneizar a suspensão, .. e eu consigo também .. fazer o quê? .. diminuir a viscosidade da suspensão, .. nós vamos ver o que é isso daqui a pouco. .. pra facilitar .. o escoamento,	

.. e .. conseqüentemente retirar a do::se do medicamento. okay?"	
(31) “.. nós vamos ter que fazer re/ éh:: recorrer .. ao agente molhante, .. pra então .. chama::r/ facilita::r .. a molhabilidade dessas partículas. ”	
(32) “.. vão adicionar glicerina ou vaselina .. pra facilitar a molhabilidade. ”	
(33) “.. vocês concordam que essas/ cargas negativas vão começar a atrair cargas pos/ positivas pra neutralizar? ”	
(34) “.. em alguns casos a gente pode fazer isso, .. mas na maioria das vezes a gente vai aumentar .. a densidade, .. pra diminuir essa diferença .. tá? ”	
(37) “.. então aqui nós fazemos essa caracterização inicial do efluente pra saber como .. ele está. ”	
(38) e (39) “.. por isso .. nós realizamos esse tratamento combinado, ... pra atenuar a matéria orgânica / pra depois realizar .. a foto-catálise, ”	
(40) “.. então .. porque são 10 minutos apenas né, .. pra você tratar 500 ml de efluente, ”	

Quadro 2: Disposição das cláusulas finais não prototípicas, conforme suas categorias sintáticas.

Ocorrências encontradas	Quantidade
Prototípicas ²	85 (68%)
Não-prototípicas	40 (32%)
Total	125

Quadro 3: Informativo de quantidade – cláusulas finais não-prototípicas: completivas nominais de substantivo (para Martelotta); Adjetivas (para Gorski) e completivas nominais de adjetivo

Cláusulas finais não-prototípicas	Quantidade
Completivas nominais de substantivo (para Martelotta); Adjetivas (para Gorski)	27 (67,5%)
Completivas nominais de adjetivo	10 (25%)
Outras completivas	3 (7,5%)
Total	40

Quadro 4: Informativo de quantidade - prototípicas *versus* não-prototípicas encontradas

Conferimos, então, que das 125 ocorrências de cláusulas finais encontradas em nosso *corpus*, 40 delas (32%) referem-se a cláusulas finais não-prototípicas, as quais propõem um uso que dificilmente encaixar-se-ia nos moldes categoriais da gramática tradicional, já que, como vimos, ao tratar das cláusulas finais, as gramáticas, de um modo geral, restringem a análise de construções como estas tão somente a cláusulas adverbiais finais reduzidas do infinitivo, sem maiores esclarecimentos e/ou informações a respeito.

Com relação à classificação das cláusulas finais não-prototípicas (completivas nominais e/ou adjetivas), vimos que, conforme nossa análise, a maioria delas relaciona-se a um sintagma nominal e não a uma ação como assim o fazem as finais prototípicas, ou seja, a maioria pode ser classificada como completiva nominal de substantivo (para Martelotta) / adjetiva (para Gorski). As completivas nominais de adjetivo dizem respeito a 25% das não-prototípicas encontradas, bem como informa o quadro 3, disposto anteriormente.

Vemos que estas cláusulas finais não-prototípicas completivas nominais de adjetivo (todas de *para* como o *infinitivo*) funcionam como uma espécie de complemento dos adjetivos das cláusulas anteriores.

As construções 2), 3), 5), 10), 13), 26), 27), 28), 35) e 36) referem-se respectivamente aos adjetivos: “legal”, “fácil”, “simples”, “suficientes”, “maior”, “ideal”, “menor”, “suspenso”, “suficientes”, “importante”. Isto é, a impressão que temos é a de que tais construções não apresentam níveis de vinculação (voltados aos verbos, principalmente) típicos de adverbiais finais. Bem como acredita Martelotta (2005), essas ocorrências parecem indicar um processo de gramaticalização segundo o qual a cláusula, originalmente final, encaixa-se ao elemento de natureza nominal antecedente, passando a caracterizá-lo.

As ocorrências analisadas consideradas não-prototípicas - completivas nominais de substantivo (para Martelotta) / adjetivas (para Gorski) – nºs: 1); 4); 6) a 9); 11); 12); 14) a 18); 22) a 25); 29) a 34) e 37) a 40), como vimos nos quadros 1 e 2 anteriores, sempre referem-se a substantivos, são eles, respectivamente: “teorias”; “experimento”; “abiogênese”; “condições químicas e físicas”; “maquinaria celular / célula desenvolvida”; “exercício”; “teorias que foram criadas ao longo da história”; “cana”; “dinheiro”; “material”; “dados mais significativos”; “esforço”; “tempo”; “raciocínio”; “preguiça”; “classificação bem didática”;

² - Dentre as oitenta e cinco cláusulas prototípicas analisadas, sete delas são construções consideradas desenvolvidas, ou seja, não dispõem da estrutura *para* com o *infinitivo*.

“(o rótulo) ‘agite antes de usar’”; “viscosidade da suspensão”; “*agente* molhante”; “glicerina ou vaselina”; “*cargas* positivas”; “densidade”; “*caracterização* inicial do efluente”; “tratamento combinado” e “10 minutos”.

Com isto, vemos que, tanto as análises de Gorski (1999 *apud* Martelotta, 2005) quanto de Martelotta (2005) são coerentes. Isto porque, no que concerne a completivas nominais (Martelotta), por exemplo, a grande maioria dos substantivos citados anteriormente são substantivos abstratos e, segundo o que se conhece por construções completivas nominais, sabe-se que elas respondem por aquelas que se referem sempre a substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios, tal qual a exemplificada em 1), por exemplo, que pode ser classificada como completiva nominal de substantivo, por relacionar-se ao nome “teorias”.

E esta mesma construção também pode ser tida como adjetiva (Gorski), mesmo não dispondo de um pronome relativo, por, ao referir-se ao nome “teorias”, assumir, aparentemente uma função de caráter adjetivo. Vemos: (1) “só .. que alguns .. pesquisadores .. éh:: .. não admitiam isso, .. e aí eles foram .. desenvolve::ndo, .. e pesquisa::ndo teorias, .. **pra explicar a origem da vida.**” – a cláusula destacada caracteriza o nome “teorias”. Não são quaisquer “teorias”, mas sim aquelas “**explicativas** da origem da vida”, ou em uma estrutura bem própria das adjetivas: *teorias* “**que explicam** a origem da vida.”

Analisemos alguns dos outros exemplos: (4) “.. vou fazer um experimento **pra testar,**” – neste, a cláusula de *para* como o *infinitivo* está relacionada ao substantivo “experimento” e não a ação de fazer em si, o que denota uma construção final não-prototípica completiva nominal de substantivo (para Martelotta). Ou ainda, se a vemos como uma cláusula que caracteriza o substantivo “experimento” (“vou fazer um experimento ‘**que teste**’; ‘**testador**’”), teremos uma construção adjetiva (como quer Gorski).

No exemplo (18) “.. então.. tem que/ você mesmo tem que fazer um esforço **pra ir melhorando.**”, temos um substantivo abstrato “esforço”, relacionado à cláusula de *para* com *infinitivo*, também denotando função de complemento nominal de substantivo ou função adjetiva – “(...) um *esforço* **que melhore** (as coisas); um *esforço* ‘**melhorador**’”.

Um exemplo como o seguinte, que não foi inserido entre os demais, por tratar-se de um caso com cláusula final de *para* com o *infinitivo* prototípica: “.. manipularam **pra plantar lá,**” (aula de Geografia), evidencia a diferença que há entre ele e os anteriormente analisados. Vemos que, neste caso, a cláusula “**pra plantar lá**”, de fato, indica a finalidade de

“manipular” algo, isto é, tal construção está voltada à ação do verbo “manipular”, podendo assim ser realmente classificada como uma adverbial final.

Não nos estenderemos nas explicações dos demais exemplos de não-prototípicas - completivas nominais de substantivo (para Martelotta) / adjetivas (para Gorski) por entendermos que a análise seria feita praticamente de forma igual às que já foram descritas referentes aos exemplos; 1), 4) e 18).

Em tais análises, não elencamos propositalmente os exemplos: **19), (20) e (21)** por, a nosso ver, acreditarmos que estes parecem dispor de uma outra estrutura que difere destas já mencionadas, isto é, completivas nominais de substantivo (para Martelotta) / adjetivas (para Gorski) e completivas nominais de adjetivo. Cremos que tais construções também são consideradas como sendo cláusulas finais não-prototípicas, por não estarem voltadas a uma ação, a um verbo. São também classificadas como completivas nominais; não mais referentes, porém, a substantivos ou adjetivos, mas sim a advérbios, ou melhor, ao advérbio de intensidade “muito”. Vejamos: “.. todo mundo tem *muito* ainda .. **pra .. crescer, .. pra aprender, .. pra melhorar .. na escrita .. né.**”

A partir dos exemplos listados que dizem respeito às completivas nominais de adjetivo, conferimos também que boa parte deles refere-se a adjetivos de cláusulas anteriores (nucleares) formadas por verbos de estado como (ser e ficar – exemplos 2), 3) 5), 13), 35) e 36)). Isto talvez se deva ao fato de que estes verbos de estado normalmente necessitam ser completados por predicativos, estes por sua vez, que, muitas vezes, são representados por adjetivos. Exemplo: **(2)** “.. é legal **pra fixar.**” - (verbo SER + adjetivo LEGAL, requerendo assim uma cláusula a seguir que, aparentemente, complete tal adjetivo); **(3)** “.. também *fica* fácil **pra vocês ir anotando,**” – (verbo FICAR + adjetivo FÁCIL, também requerendo uma cláusula a seguir que, aparentemente, complete tal adjetivo).

Já as cláusulas nucleares das finais não-prototípicas completivas nominais de substantivo (para Martelotta) / adjetivas (para Gorski) apresentam uma quantia considerável de casos em que utilizam ou se relacionam de alguma forma ao verbo **ter** (exemplos: 7), 8) 9), 15), 16), 18), 24), 25), 29) e 31). Isto talvez se explique devido ao fato de este verbo **ter** estar relacionado ao cenário de transferência de posse, conforme atesta Salomão (1990 *apud* Martelotta, 2005). Exemplo: **(7)** “então ali tinha condições .. químicas e físicas .. **pra .. se .. formar .. as primeiras moléculas orgânicas.**” – em casos como este, o recurso (“condições”), vem à frente do objetivo (a cláusula, originalmente, final), mas não

propriamente por causa de uma topicalização, mas pelo fato de ser codificado como objetivo do verbo da cláusula anterior. Essa estrutura sintática, segundo Martelotta (2005), em que o recurso é normalmente anteposto ao objetivo pela natureza da função que desempenha na cláusula anteriormente mencionada, propicia o surgimento da cláusula iniciada por *para*, que indica o objetivo a ser alcançado com aquele recurso.

Analisemos o seguinte exemplo: “.. ah:: devia ter trazido um jornal pra vocês .. um:: .. que eu tenho em casa, .. **que mostra lá a questão dos agricultores pê da vida com a Monsanto,**” (aula de Geografia). Deparamo-nos com tal exemplo também no *corpus* analisado e este chamou-nos atenção por tratar-se um uma adjetiva prototípica e que, se a transpormos para a estrutura própria das finais em questão, ou seja, com *para* + *infinitivo*, ela recairia exatamente em uma construção como aquelas analisadas nos exemplos que dizem respeito às cláusulas finais não-prototípicas completivas nominais de substantivo e / ou adjetivas. Vejamos: “.. ah:: devia ter trazido um jornal pra vocês .. um:: .. que eu tenho em casa, .. **para / pra mostrar lá a questão dos agricultores pê da vida com a Monsanto,**” A cláusula em destaque está relacionada ao substantivo “jornal”.

Acreditamos que tal exemplo vem só a reforçar que, de fato, construções finais não-prototípicas podem sim desempenhar função própria de adjetivos, podendo ser classificadas como completivas nominais de substantivos e / ou adjetivas e também como completivas nominais de adjetivos, conforme já exposto anteriormente.

Considerações Finais

Com este trabalho, ampliamos nosso conhecimento acerca das construções finais não-prototípicas de *para* com o *infinitivo*. Por meio de ocorrências do português falado, retiradas de elocuções formais (aulas) e entrevistas, confirmamos que elas podem, muitas vezes, relacionarem-se a substantivos, a adjetivos e até mesmo a advérbios, contidos nas cláusulas nucleares também da linguagem oral, não se referindo, portanto, somente a verbos, ou seja, a ações descritas em tais cláusulas nucleares. Vimos que, normalmente, tais cláusulas finais não prototípicas aparecem pospostas às consideradas cláusulas nucleares, mas que a ordem delas na proposição não pareceu interferir na análise realizada, tanto no que concerne a cláusulas prototípicas quanto às não prototípicas. .

Por fim, compreendemos a importância que há em revermos muitos dos conceitos tidos como “fechados” e “estáticos”, ou, muitas vezes, limitados pela gramática tradicional.

No caso deste trabalho em específico, conferimos que as construções de *para* com o *infinitivo* nem sempre denotam casos prototípicos de cláusulas finais – “cláusulas adverbiais finais reduzidas”, como descreve pura e simplesmente a tradição gramatical; há muito mais para se analisar, estudar, explorar...

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DIAS, N. B. *Cláusulas de finalidade: relações gramaticais convergentes e divergentes na fala e na escrita*. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/clusulas-de-finalidade-relacoes426.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c>. Acesso em: 07 setembro 2010.

LUFT, C. P. *Novo manual de Português*. 10 ed. São Paulo: Globo, 1990.

MARTELOTTA, M. E *Vinculação em cláusulas adverbiais: uma análise de cláusulas finais*. Disponível em http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta09/Conteudo/N09_Parte01_art05.pdf Acesso em: 20 setembro 2010.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

ROCHA LIMA, C.H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 15ª Ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 2000.

SAID ALI, M. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

TORRENT, T. T. *A rede de construções em para (SN) infinitivo: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais*. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=162504 Acesso em: 07 setembro 2010.